



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão do Parlamento argentino em homenagem ao Brasil

Congresso da Nação Argentina – Buenos Aires - Argentina, 16 de outubro de 2003

Senhor Presidente,

Senhoras congressistas, senhores congressistas,

É, para mim, uma grande honra dirigir-me ao Congresso da Nação: a Casa que reúne os legítimos representantes do povo argentino; a Casa que encarna a soberania popular deste país.

Conheço, por experiência própria, o papel fundamental que o poder legislativo tem como instituição democrática.

Meu respeito pelo parlamento que se fortaleceu quando, em 1986, fui eleito deputado com a missão de elaborar a Constituição que deveria assegurar a transição para a democracia no Brasil.

Hoje, como Presidente da República, tenho mantido uma sólida e respeitosa relação com o Legislativo do meu país.

O Congresso Nacional brasileiro tem sido fundamental, nestes 10 primeiros meses de meu governo, para a implementação das profundas reformas de que tanto necessitamos. Tem exercido, ao mesmo tempo, vigilante fiscalização sobre a ação do Executivo, conforme prescreve a Constituição.

Como observador da cena política argentina, não posso deixar de evocar, nesta ocasião, o papel decisivo que teve o Congresso argentino na grave conjuntura dos anos de 2001 e 2002. A serenidade e o espírito patriótico que esta Casa soube manter foram decisivos para que o país pudesse superar aquele momento difícil.

Pela terceira vez, em menos de um ano, venho a Buenos Aires. Aqui



estive, em dezembro do ano passado, ainda na condição de Presidente eleito.

Nesse mesmo período tive a satisfação, também, de receber em Brasília o ex-presidente Duhalde e, por duas vezes, Néstor Kirchner, com quem conversei igualmente em Londres e em Nova Iorque. Essa série de encontros reflete o estágio superior em que se encontram as relações de nossos dois países.

Senhor Presidente,
Congressistas,

Estamos, no Brasil, confrontados com o desafio de dinamizar a economia de nosso país, depois de duas décadas de estagnação ou crescimento medíocre.

Para vencer o pesado legado que recebemos de pobreza e exclusão social necessitamos mais do que um grande esforço de mobilização nacional. É preciso, igualmente, nos associarmos a outros povos para mudar a relação de forças em direção a um mundo mais justo e democrático.

Para tanto, é necessário revigorar espaços regionais, como o Mercosul. O fortalecimento do eixo Brasil-Argentina é a pedra de toque dessa política.

É sempre bom lembrar que o Mercosul surgiu da aliança que nossos países souberam construir depois de prolongado período de autoritarismo. Na origem desse projeto estavam a profunda preocupação democrática e a aspiração de retomar o desenvolvimento com justiça social.

Hoje, vivemos uma situação especialmente favorável. A vontade política de nossos povos expressou recentemente – e continua expressando - um claro sinal de mudança. Temos que estar à altura dessa nova conjuntura e tirar as conseqüências desse mandato.

Senhor Presidente,
Congressistas,

Em todas as ocasiões em que me dirigi ao povo argentino expressei com clareza a disposição de estabelecer com o seu país uma “aliança estratégica”,



fundamental para levar adiante, exitosamente, o projeto do Mercosul e para construir uma comunidade sul-americana de nações. Reiterei essa disposição em meu recente discurso à Assembléia Geral das Nações Unidas.

Hoje, no entanto, me dou conta de que a expressão “aliança estratégica” – por mais forte que possa parecer – talvez não revele toda a intensidade que deve ter o relacionamento entre nossos dois países. Melhor, seguramente, falar de uma parceria onde não haja lugar para disputas por liderança.

Brasil e Argentina são dois grandes países. Estamos sendo chamados a desempenhar um papel decisivo na construção de um continente livre, justo e solidário. De nossa ação coordenada dependerá o futuro de nossos povos. Mais ainda: ela contribuirá para a construção de uma ordem mundial politicamente democrática e socialmente equilibrada, no quadro do multilateralismo.

Tenho afirmado – e reiterei ao presidente Néstor Kirchner – que nada nos afastará dessa perspectiva. Sabemos que uma associação tão profunda, como a que estamos construindo, enfrenta dificuldades e desperta reações. Temos consciência que os processos de mudança, como os que estamos realizando em nossos países, devem superar muitos obstáculos.

Estamos totalmente solidários com a ação corajosa do governo argentino no enfrentamento das grandes questões econômicas e sociais, nas grandes opções políticas que adotou, especialmente aquelas que envolvem o restabelecimento da ética no trato da coisa pública e o respeito estrito dos Direitos Humanos. Expressamos diretamente nos organismos multilaterais nossa total solidariedade com a nação argentina.

Senhor Presidente,
Congressistas,

Para levar adiante este grande projeto de integração de nossos países temos de estar unidos de sabedoria, paciência e generosidade.

Fazemos parte de gerações que lutaram por grandes ideais de



transformação social e política. Temos como paradigmas éticos e morais, homens e mulheres que não hesitaram em dar suas vidas para alcançar a justiça social e a liberdade. Não chegamos sozinhos aos governos de nossos países, mas em meio a vigorosos movimentos sociais, com décadas de lutas.

Senhor Presidente,

Congressistas,

Sempre apostamos no Mercosul. Entendemos que seu êxito implica a realização plena de sua vocação de união aduaneira.

Mas o Mercosul deve se constituir em um espaço de articulação de políticas industriais, agrícolas, de ciência e tecnologia, que assuma também uma dimensão social e que garanta a livre circulação de pessoas. Devemos propiciar uma profunda integração de nossas universidades e instituições científicas e estimular contatos culturais entre nossos povos. Devemos perseguir a articulação de nossos sistemas produtivos.

Da mesma forma que queremos, em nossos países um desenvolvimento regional equilibrado, defendemos um Mercosul harmônico. Queremos um Mercosul solidário. Por isso, estamos criando mecanismos para impedir desequilíbrios conjunturais em nosso comércio regional, evitando perdas desnecessárias e tentações protecionistas entre nós.

Mais importante é nossa firme disposição de enfrentarmos unidos os grandes desafios impostos pela globalização e, particularmente, a onda protecionista patrocinada pelos países ricos.

É fundamental a aliança que estabelecemos, junto com outros países, a partir da reunião da Organização Mundial do Comércio, em Cancún. É fundamental, igualmente, a ação coordenada que estamos desenvolvendo nas negociações para a formação de uma Área de Livre Comércio das Américas, a ALCA, bem como nas negociações com a União Européia.

Em todos esses casos, nossos negociadores têm defendido com firmeza nossos interesses, de forma construtiva e planejada, sem espírito de



confrontação. Essas práticas antecipam a necessidade de uma crescente coordenação de nossas políticas externas.

É de grande importância a cooperação que iremos desenvolver nos próximos anos no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Também no nosso continente queremos, crescentemente, compartilhar com a Argentina responsabilidades em incentivos de alcance político e econômico.

Estou convencido, senhor Presidente, que poderemos dar um impulso significativo na construção de uma grande infra-estrutura física na América do Sul. Necessitamos de mecanismos financeiros capazes de obter os recursos para realizar esse ambicioso programa de integração física.

O Brasil cumprirá sua parte nesse projeto com os recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, o BNDES. Um esforço suplementar deverá ser feito também para agilizar as trocas comerciais entre os países do Mercosul e os demais da América do Sul.

Para isso, estamos avançando na ampliação dos mecanismos que ajudem a fomentar o comércio, ao mesmo tempo em que estudamos outras iniciativas que ampliem as trocas regionais.

Devemos estimular nossas empresas – públicas ou privadas – a aumentar seus investimentos na região.

Penso que Brasil e Argentina, como economias mais avançadas da América do Sul, podem contribuir para que se desenvolvam em nossa região processos de substituição competitiva de importações. Sem atitudes paternalistas ou vocação intervencionista, Argentina e Brasil podem viabilizar a criação de uma América do Sul mais equilibrada social e economicamente.

Dentro desta mesma perspectiva, e respeitando a soberania dos estados da região, Brasil e Argentina podem contribuir – desde que convocados – para a solução pacífica de conflitos que ameaçam a estabilidade social e política de alguns países amigos.



Senhor Presidente,

Congressistas,

Temos pela frente uma grande obra econômica, social e política. A integração de nossos países exigirá, no momento devido – que, espero, não esteja muito longe – a criação de um Parlamento do Mercosul. Com isso estaremos dando ao Mercosul a legitimidade que decorre do exercício da soberania popular. Queremos que o Parlamento possa ser – dentro das atribuições que lhe forem sendo atribuídas – um instrumento fundamental para dar consistência e profundidade a nosso processo de integração.

Senhor Presidente e congressistas,

A verdadeira sociedade que iremos construir entre Brasil e Argentina dependerá, em última análise, da capacidade que tivemos de mobilizar corações e mentes – sobretudo os jovens – convocando todos para construir uma grande comunidade que tem como principal trunfo a extraordinária qualidade de nossa gente.

Somos uma área de paz e de tolerância em um mundo cada vez mais marcado pelo conflito e pela intransigência. Cabe-nos agora realizar a grande obra de pôr fim à exclusão social e à pobreza, de construir uma sociedade mais igualitária, que abra amplas possibilidades para milhões de homens e mulheres, hoje vivendo na desesperança.

A democracia política que queremos consolidar e aprofundar dependerá, em muito, de nossa capacidade de construir uma sólida democracia econômica e social.

Brasil e Argentina possuem potencial econômico, história, reservas intelectuais, éticas e morais para levar adiante um grande projeto de integração que preserve nossas identidades e a elas acrescente uma nova e luminosa dimensão.

Fomos quase ao fundo do poço e descobrimos que somos pobres. Mas também descobrimos que, sozinhos, não vamos a lugar nenhum. Unidos, nos



tornaremos uma potência capaz de disputar no mundo comercial e no mundo econômico o lugar de destaque que merecemos ter.

Com essa lógica da globalização, não existe por parte de nenhum país concessão ou dádiva a outro país. A disputa do mercado é uma disputa muito competitiva, muito difícil e muito dura. Nós não podemos ficar de braços cruzados, esperando que alguém descubra que temos crianças de rua, que temos pobreza e que temos desemprego. Esse é um problema nosso.

Portanto, temos que assumir a responsabilidade de construir um Mercosul forte, de começarmos a construir o embrião de uma nação sul-americana e começarmos a atuar, como nunca atuamos, em todas as frentes de batalha, para que, em um dia que está muito próximo, as nossas crianças, as nossas mulheres e os nossos homens possam conquistar a cidadania plena.

Quero dizer aos congressistas e ao senhor Presidente que muitas vezes, das ruas da Argentina e do Brasil, o povo tem pouca compreensão sobre o papel do Legislativo. Portanto, muitas vezes somos cobrados por coisas que não fizemos ou por coisas que faltam fazer. O que é importante é que, gostemos ou não, acreditemos ou não, esse espaço onde se reúnem as lideranças, homens e mulheres da Argentina, homens e mulheres do Brasil, nosso Congresso Nacional, que muitas vezes é tão atacado, é um espaço que, mesmo que não funcione como todos gostariam que funcionasse, sem ele não haveria democracia em nenhum país.

É esta Casa, cheia de contradições, cheia de adversidades, que dá a certeza de que dormiremos toda noite e levantaremos toda manhã sem ter um policial para nos prender.

Muito obrigado e boa sorte.